

### **Quando o apito não tocou: experiência operária e identidade de classe em um bairro operário em declínio (Barreto - Niterói)**

Luciana Pucu Wollmann do Amaral\*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar como se deu o processo de re-significação de identidades sociais – sobretudo a “de classe” por parte dos antigos trabalhadores da Cia. Fluminense de Tecidos, centenária fábrica localizada no bairro do Barreto na cidade de Niterói – RJ, partir do final da década de 70, quando a Companhia começa a dar os seus primeiros sinais de crise e o bairro inicia um gradativo processo de esvaziamento industrial. É nosso interesse aqui perceber como a diminuição dos postos de trabalho, combinada à desestruturação do antigo bairro operário e a ausência de melhores oportunidades no presente, contribuíram para um reforço da *identidade operária* deste grupo de trabalhadores e corroboraram para um exercício de re-elaboração de sua própria trajetória de trabalho dedicado à Companhia.

**Palavras-chave:** Cia. Fluminense de Tecidos, identidades, trabalhadores.

### **When there was no whistle: Working experience and class identity declining in a working neighborhood (Barreto – Niterói).**

**Resume:** The present work has as objective to analyze how the social identities new significance process was done – especially the class from the old employees of Cia. Fluminense de Tecidos, a secular factory located on the neighborhood of Barreto on the city of Niterói – RJ, since the ending of the seventy's, while the Companhia started to show the initials crises sign and the neighborhood initiates a gradual process of industrial emptying. Its our interest here to notice how the diminution of the working areas, combined to the destructuring of the old working neighborhood and the absence of better opportunities in the present, contributed to a strengthening of the *workers identity* of this workers group and corroborated for an army of re-elaboration of its own work trajectory dedicated to the Company.

**Palavras-chave:** Cia. Fluminense de Tecidos, identities, workers.

Em 1997, a Companhia. Fluminense de Tecidos parava as suas máquinas. Junto a ela, algumas dezenas de homens e mulheres interrompiam as suas funções. Já há alguns anos o apito que anunciava a mudança de turno não tocava. Aquelas pessoas saíam portanto, sem causar nenhum alvoroço, sem quem ninguém sequer soubesse que a última fábrica da região estava, após alguns anos insistentes, finalmente fechando as suas portas.

O presente trabalho tem como objetivo analisar o impacto da crise e posterior falência da Cia. Fluminense de Tecidos - centenária fábrica localizada no bairro do Barreto na cidade de Niterói – RJ - em seus antigos trabalhadores. É nosso interesse aqui perceber como a

---

\* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Social do Território da Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

progressiva diminuição dos postos de trabalho – verificada a partir do final da década de 70, combinada à desestruturação do antigo bairro operário e a ausência de melhores oportunidades no presente, contribuíram para um reforço da *identidade operária* deste grupo de trabalhadores e corroboraram para um exercício de re-significação de sua própria trajetória de trabalho dedicado à Companhia.

Para muitos, falar em *identidade de classe* pode parecer um esforço inócuo diante das tantas transformações do capitalismo que cada vez mais se *flexibiliza* e em um mundo que intensamente se *globaliza*. Esta crítica pode se tornar ainda mais veemente quando conduzida ao nosso estudo, que enfatiza a importância da classe na construção das identidades sociais em um grupo de trabalhadores inseridos num contexto de crise do capitalismo mundial, quando *velhos* paradigmas que outrora estabeleciam as regras para o mundo do trabalho vão aos poucos, sendo substituídos por outros, menos rígidos, palpáveis.

É claro que não pretendemos esmiuçar aqui este extenso debate com os teóricos mais afeitos às interpretações pós-modernas, ou que delas se aproximam. Ao invés disso, nos concentraremos em discutir *como* a identidade operária ganhou especial protagonismo na fala dos entrevistados, assim *como* a categoria trabalho adquiriu dimensões idealizadas, a partir da desestruturação daquilo que para eles, acreditavam fazer parte.

Partindo dessas premissas, apresentaremos a seguir uma breve síntese de como se deu a consolidação da Cia. Fluminense de Tecidos no Barreto, assim como suas características gerais em seu período de apogeu e uma reflexão acerca de seu processo de falência. Em seguida, buscaremos compreender como esta situação de “crise” foi elaborada pelos trabalhadores, sobretudo quando viram seus empregos ameaçados, laços de amizade e vizinhança sendo rompidos e o antigo bairro de moradia e trabalho sendo progressivamente, desestruturado.

### **Quando a fábrica chega ao bairro**

Quando a Cia. Manufatora Fluminense foi erguida, em 1891, o bairro do Barreto ainda tinha ares de engenho. Instalada em local outrora ocupado por chácaras, a Manufatora Fluminense - e posteriormente Cia. Fluminense de Tecidos (CFT), foi fundada por um grupo de industriais ingleses e brasileiros<sup>1</sup>, no segundo surto de investimento identificado por

---

<sup>1</sup> Segundo Emmanuel de Macedo Soares, a Manufatora Fluminense foi criada em 1891 e inaugurada em 1893 pelo Comendador José Joaquim Rodrigues Guimarães Júnior, Frederico de Youle e outros industriais. (SOARES, 1993: 5).

Suzigan<sup>2</sup>. Seguindo o padrão clássico de “fábrica com vila operária”, conforme distingue a literatura a respeito, a CFT construiu em torno de si uma forte infra-estrutura que interferia não só no regime de trabalho a qual o trabalhador se submetia, mas também em sua vida privada.

O isolamento do Barreto do restante da cidade é bastante visível. O bairro do trabalho era o mesmo da moradia, do lazer e das necessidades de consumo dos trabalhadores que ali residiam. Ao comparar a ocupação urbana das cidades do Rio de Janeiro e Niterói, o geógrafo Pedro Geiger aponta para delimitação por classe social dos bairros:

Constata-se que nas duas cidades, os centros de atividades se encontram nas proximidades da estreita entrada da baía. As classes sociais elevadas, nas duas cidades, instalaram-se na costa, ao sul, ou nos vales e encostas de suas respectivas zonas setentrionais. As zonas industriais são paralelas, nas margens pantanosas do interior da baía, enquanto que as classes populares fixaram-se nos subúrbios da zona norte, onde se encontram igualmente os estabelecimentos industriais (1961 apud AZEVEDO, 1997: 55).

Apesar dos problemas gerados com a 1ª Guerra Mundial, principalmente para a obtenção de maquinário, importado da Inglaterra, as indústrias de fiação e tecelagem foram as que mais se expandiram no primeiro quartel do século XX<sup>3</sup>. O mesmo já não se verifica no final da década de 20, quando uma gradual paralisação do crescimento da indústria têxtil brasileira iniciada em 1926, se agrava ainda mais com a crise econômica mundial em 1929. Segundo dados do Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda, a produção de tecidos de algodão registrou produção 477. 995 milhares de metros de tecidos de algodão em 1929 e 476.088 em 1930, em comparação a 939.794 em 1923 (JÚNIOR, 1950: 58).

Após breve recuperação do setor durante a 2ª Guerra, a produção nacional de tecidos de algodão volta a cair após o término do conflito mundial. É provável que tal fato tenha contribuído para a venda da Companhia Manufatora Fluminense ao empresário sírio Assad Abdala. Diferente da estrutura administrativa anterior, organizada em sociedade anônima e com participação de capital estrangeiro, a CFT passa a caracterizar-se - à semelhança de

---

<sup>2</sup>Os surtos de investimento nessa indústria ocorreram nos seguintes períodos: entre fins da década de 1860 e meados da de 1870; na década de 1880 e início da de 1890; em 1907-13; na década de 20 (particularmente em 1924-26); e na década de 30, especialmente a partir de 1933” (1986 apud FILHA, 1997: 55).

<sup>3</sup> De acordo com fonte do Ministério da Fazenda (Diretoria de Estatística Comercial, RJ, 1921), a importação de máquinas têxteis para o Brasil, diminuiu de 13.344.766 em 1913, para 2.194.261, em 1915, mantendo aproximadamente o mesmo índice nos quatro anos subsequentes, voltando a apresentar novas taxas de crescimento em 1920, alcançando o número de 4.262.251 de maquinário importado. (STEIN, 1979: Apêndice V).

outras companhias têxteis desse porte, como uma firma pertencente a uma só família e de controle acionário nacional.

Em 1962, um relatório elaborado pela “Comissão Econômica para a América Latina” (CEPAL), indicava que a “maquinaria demasiadamente antiga e obsoleta”, “a organização interna deficiente”, a “mão-de-obra mal treinada” e a “má distribuição das cargas de trabalho”, conformavam os fatores responsáveis pelos baixos índices de produtividade do setor.

Procurando traçar características mais gerais sobre os setores considerados “não-dinâmicos” da economia brasileira – tais como o têxtil, Francisco de Oliveira (2003:115) pondera que este tipo de indústria, também denominada “tradicional”, apresenta constantes problemas de realização, não só por experimentarem crescimento lento, mas por dependerem da demanda das classes mais baixas e por isso, necessitarem constantemente de auxílio governamental para subsidiar suas exportações.

Somente em 1970, com a Resolução 1/ 70 e pelo Decreto-Lei nº 1.137 de dezembro do mesmo ano, é que as indústrias de fiação e tecelagem vão ser beneficiadas pela isenção de 100% na importação de novos equipamentos, desde que se comprometessem em substituir todo maquinário arcaico e exportassem até 70% do aumento da produção durante cinco anos. Diante da incapacidade do setor de cumprir tais exigências, uma nova Resolução (23/72) autorizou a aprovação de projetos que visassem substituir os equipamentos antigos, sem aumentar a capacidade de produção e estimulassem a exportação de 50% do aumento da produção em dois anos (FILHA, 1997: 4).

A não superação do modelo capitalista brasileiro, caracterizado pela dependência externa, concentração de renda e exclusão social, representou mais continuidade do que ruptura nas redefinições econômicas ocorridas no regime militar. As elevadas taxas do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro verificadas entre os anos de 1968 e 1973, não significaram necessariamente melhorias das condições salariais e de trabalho para a maioria da população. Sem melhorias salariais para os consumidores de seus produtos, estes setores tradicionais continuaram com crises de superprodução e só não iam à bancarrota, porque ainda subsistiam as ações do governo de auxílio a esses setores (OLIVEIRA, 2003: 115).

O ano de 1975 registrou queda de 15% no total de número de estabelecimentos e 4% na mão-de-obra empregada (FILHA, 1997: 4). Mesmo o II PND (1974-76) do governo Geisel, desenvolvido com intuito de submergir o desfalecimento do “milagre”, que dentre outras ações, optou por permanecer subsidiando os setores tradicionais à custa de mais endividamento externo, não foram suficientes para abarcar a vultosa crise econômica que

atravessava o Brasil neste período e que inevitavelmente se fizeram sentir também na Cia. Fluminense de Tecidos, em fins da década de 70.

Vale acrescentar, que para outros ramos da indústria têxtil, como as de fibras químicas (poliéster, nylon e por último, lycra) que diferentemente de muitas de fiação e tecelagem, já vinham apresentando considerável crescimento desde do início da década de 1970, o II PND representou avanços, sobretudo pela implantação do pólo petroquímico em Camaçari (BA) que permitiu a instalação de inúmeras iniciativas do ramo na região, em detrimento do antigo pólo têxtil centralizado no sudeste (FILHA, 1997: 6).

A recuperação só viria no início do segundo ano do governo Sarney, quando no ano de 1985, a balança comercial têxtil duplicou o seu saldo, em comparação ao de dez anos anteriores (FILHA, 1997: 9). O mesmo não ocorreu no ano seguinte, quando o fim do congelamento de preços fez o país retomar o caminho da inflação “(...) de 80% em 1986 para 363% em 1987, para 850% em 1998 e 1.000% em 1989, apesar de termos executado três planos de estabilização na década de 1980 e de nos submetermos à ortodoxia do FMI” (CANO, 2004: 235).

Em 1990, apesar da abertura comercial, e a subsequente redução das tarifas de importação de tecidos de 70% para 40%, a balança comercial têxtil permaneceu superavitária em US\$ 929 milhões em 1985, permanecendo positiva até 1994. Em 1996-97, no entanto chegou a ficar negativa em US\$ 1 bilhão. O mesmo não se verifica para o setor de produção de fibras artificiais e sintéticas, que apresentaram grande crescimento (FILHA, 1997: 8).

Segundo Análise encomendada ao Instituto Euvaldo Lodi, o número de empresas têxteis no Brasil decresceu 57%, no período referente a 1990 e 1997. Tal diminuição deveu-se à eliminação das empresas menos competitivas que não investiram na produção de fios diferenciados - a fim de suportar a concorrência com os tecidos asiáticos, e na admissão de um corpo de funcionários com formação técnica, em detrimento daqueles mais antigos, considerados “não-qualificados”.

Em 1997, conforme já exposto, a Cia. Fluminense de Tecidos fechou suas portas. O bairro do Barreto, que ficou conhecido como o bairro “operário” da cidade vai ganhando novos contornos. As fábricas abandonadas junto às antigas casas e a velha linha do trem vão se misturando aos novos prédios e ruas alargadas. Ainda em lugar de destaque, a fachada cinzenta daquela que foi a maior fábrica de tecidos da região procura se manter imponente, mesmo diante de seus evidentes sinais de falência. Desta confusa paisagem que revela um misto de decadência e beleza, sobrevivem os personagens reais dessa história: homens e

mulheres, antigos operários, moradores, sindicalistas, pessoas que vivem ainda ali, nas antigas vilas operárias.

As entrevistas realizadas para esta pesquisa nos oferecem uma boa medida de como os anos de trabalho na fábrica compõem uma parte significativa de suas histórias de vida. Não raro encontramos relatos de amizades, casamentos, vizinhança. Histórias de vida e de trabalho e outras tantas curiosas “que contaram” ou que “se ouviu dizer” sobre os companheiros de seção, chefes e patrões. Repetidamente, a palavra “saudades” é proferida nos depoimentos. Este forte saudosismo que inevitavelmente emociona e ao mesmo tempo, gera estranheza - visto que o trabalho no fabrico do tecido é reconhecidamente um dos mais exaustivos e insalubres que existem, assim como a ênfase dos entrevistados em temas como solidariedade, amizade, valores e finalmente, o “gosto pelo trabalho”, é que irá direcionar a nossa análise.

### **Memória, identidade, classe: quando o apito não tocou**

Mônica Andrade, ex-funcionária do setor de compras da CFT, desejou muito que seu filho mais velho trabalhasse na fábrica. Passados alguns anos após seu fechamento e na esperança de que há qualquer momento pudesse reabrir, Mônica incentivava o seu filho, que estava em busca do primeiro emprego, a deixar seu currículo na CFT. Assim como ocorreu com ela, há mais de vinte e cinco anos atrás, Mônica desejava que seu filho conseguisse “ganhar experiência” e de preferência, de carteira assinada.

Filha e neta de antigos operários da CFT e moradores do Barreto, Mônica Andrade lembra que todos da sua família já haviam trabalhado na fábrica e que por isso, com ela, “não foi diferente”, e nem com o seu filho deveria ser (ANDRADE, 2008).

Neir Meirelles Leckar diz (e gosta de dizer) que já fez de tudo. Empregado atualmente como almoxarife em uma empresa de prestação de serviços, Neir também vende churrasquinho no seu bairro aos fins de semana, para segundo ele, ajudar no sustento da família. Já trabalhou como motorista, faxineiro e cozinheiro em sua estada de nove meses dos Estados Unidos, sem mencionar as inúmeras outras ocupações que teve antes de partir em busca do *american dream*.

Uma delas nos interessa de perto: a função de ajudante de contramestre na Cia. Fluminense de Tecidos, que ocupou por quase dez anos. Na realidade, esta não foi apenas uma ocupação, foi o seu “primeiro emprego de carteira assinada”, no qual “agradece muito” e sente falta. “Se voltar, se me chamar, eu com certeza vou ir pra lá”, diz Neir que assim como Mônica Andrade é filho e neto de antigos trabalhadores da CFT (LECKAR, 2008).

Mesmo enfatizando o trabalho pesado, a tensão sempre presente nos setores pela necessidade de “atingir meta” de produção, as condições de trabalho insalubres, a baixa remuneração, Neir sente saudades do trabalho na fábrica. Para ele, quando a CFT fechou, “(...) destruiu um pouco assim, destruiu a história”, referindo-se a ele e a “(...) muita gente ali que trabalhava, ou que tinha parente que trabalhava na fábrica e ficou desempregada” (LECKAR, 2008).

Sem dúvida, o temor pela falta de oportunidades de emprego no presente e de expectativas melhores para o futuro, contribuem para que Mônica e Neir desejem que a CFT volte a funcionar. Mas não apenas isso. Ao enfatizar a importância da “origem” familiar, da cultura ancestral, da aprendizagem pelo trabalho, ambos referem-se ao papel de centralidade que o trabalho exerce em suas vidas não só por razões óbvias de sobrevivência, mas também em seu aspecto simbólico, cultural, identitário.

Ricardo Antunes, com base em Marx, fala da importância da categoria trabalho na realização do ser social. Não o trabalho assalariado, fetichizado, mas àquele que é inerente à atividade humana, fundamento básico da sua omnilateralidade, “necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio entre homem e natureza” (ANTUNES, 1999: 167).

O trabalho é, portanto, um momento efetivo de colocação de finalidades humanas, dotado de intrínseca dimensão teleológica. E como tal, mostra-se como uma experiência elementar da vida cotidiana, nas respostas que oferece aos carecimentos e necessidades sociais. (ANTUNES, 1999: 169)

Apesar das tentativas *modernizantes*<sup>4</sup>, a CFT sempre optou por manter uma organização produtiva planificada e relações de trabalho pautadas aos moldes mais tradicionais, característicos do fordismo. Não seria possível portanto, associar o trabalho na fábrica – em sua dimensão abstrata, entranhada, desrealizadora da atividade humana, com dimensão concreta do trabalho, delineada por Antunes como sendo a base para as necessidades humanas e sociais.

Percebemos no entanto, que a “velha ética do trabalho” capitalista – fundada na valorização de uma vida repleta de sacrifícios e no infindável adiamento do desejo de satisfação e realização, é submetida a um exercício de “reinterpretação criativa” (LOPES, 1998:34) por parte dos antigos trabalhadores da Companhia, que passaram a enxergar no trabalho que desempenhavam na antiga fábrica – não a de hoje, nem a de antes, mas aquela descrita por eles como produtiva, geradora de empregos, responsável pela “vida” do bairro,

---

<sup>4</sup> A partir do final da década de 1970, os netos do Comendador Assad Abdalla, Ricardo e Eduardo Haddad, tentaram “modernizar” a empresa comprando novas máquinas, contratando mão-de-obra especializada e cortando gastos.

que apesar dos problemas, ofereciam um sentido pleno de realização humana pelo trabalho, a sua “verdadeira” imagem.

Neir Leckar trabalha até 14 horas por dia (inclusive aos fins de semana) para conseguir dar “um pouco mais de conforto” à sua família. “Eu queria ter um trabalho, pra mim ter um salário, não pra mim desfrutar de conforto, mas pra mim pagar uma faculdade pra minhas filhas (...)”, lamenta o ex-ajudante de contramestre da CFT que mesmo enfatizando a baixa remuneração oferecida pela fábrica – fator este inclusive, que motivou a sua participação efetiva na greve desencadeada em 1988<sup>5</sup>, revela seu inconformismo com o seu fechamento.

Apesar de só ter ocupado o cargo de eletricitista em seu último ano de trabalho na fábrica, Neir atualmente não trabalha em uma função da qual possa usufruir de fato, de sua formação. Atuando hoje como almoxarife na empresa onde trabalha, o mesmo nos relata que já foi controlador de transportes, operador de rádio, trabalhou fazendo leitura e como ajudante de eletricitista, sendo este último o mais próximo que conseguiu chegar de sua antiga formação no presente emprego.

Arrependido por não ter investido em sua formação quando mais jovem, apesar dos estímulos do pai e do oferecimento da CFT para aperfeiçoar-se no SENAI, Neir pensa em voltar a estudar para assim, acredita, alcançar uma remuneração compatível ao seu ritmo de trabalho. Toda insatisfação do ex-ajudante de contramestre da CFT, assim como a valorização de suas qualidades de bom trabalhador, indicam o que Richard Sennet (1999:139) analisou como sendo resultado de conflitos iminentes hoje entre caráter e experiência de trabalho.

Segundo Sennet, as mudanças verificadas no mundo do trabalho nos últimos anos, resultado de um processo de reorganização do capital pautado em novos padrões de acumulação “flexível”, mantiveram por um lado, valores concernentes à velha ética do trabalho, tais como: disciplina auto-imposta, submissão passiva, prática voluntária; e por outro, inseriram novas normas que privilegiam o curto prazo, o trabalho em equipe, a flexibilidade do tempo e o fim da rigidez das antigas redes hierárquicas. Esta combinação de diferentes formas de *caráter* nas relações de trabalho atua muitas vezes de forma *corrosiva* no entendimento que o sujeito tem do seu próprio trabalho e por extensão, de si. Nas palavras do autor “(...) o trabalho não é mais legível para eles, no sentido de entender o que estão fazendo” (SENNET, 1999: 80).

---

<sup>5</sup> A greve ocorrida em outubro de 1988 e que mobilizou a maior parte do quadro de funcionários da CFT, reivindicava além de melhorias salariais, a readmissão imediata dos trabalhadores dispensados com a extinção do turno da noite. Após a greve, Neir Leckar e mais alguns companheiros que também se engajaram na greve, formaram a Chapa 2 – CUT com muito orgulho, a fim de concorrer às eleições sindicais de 1989.

Por que eu aprendi muito, né? Eu que nunca tinha visto tecido na minha frente, assim trabalhar com tecido, conheci tecido, tecido de algodão, nessa área eu domino. (...) Hoje eu faço “um bico” no hospital, faço uns biscatezinhos na manutenção do hospital, que não é a minha área, mas eu fico ali fazendo umas coisinhas, passando o tempo (SANTOS, 2005).

José Luís Corrêa dos Santos trabalhou na fábrica durante 34 anos. Após um ano trabalhando como servente geral chegou ao cargo de encarregado de expedição e de controle de qualidade. Sua promoção quase que imediata, explica José Luís, se deu como resultado do “bom trabalho” desenvolvido e por terem “acreditado nele”.

Richard Sennet lembra que o desejo de um *status* ou de carreira não é algo novo. Referindo-se aos estudos de Edward Palmer Thompson sobre os trabalhadores desempregados ou precariamente assimilados pelo mercado de trabalho na Inglaterra oitocentista, Sennet explica que ao autodenominar-se “tecelões”, “metalúrgicos”, “camponeses”, os trabalhadores ingleses buscavam “ser mais que apenas ‘duas mãos’” (SENNET, 1999: 140) meio à oferta de braços; ou seja, ter ou declarar ter uma *profissão* faziam parte de um exercício de auto-preservação destes trabalhadores, sobretudo quando imersos em um contexto de crise ou mudança.

Seguindo os passos sugeridos por Sennet, entendemos, por analogia, que ao classificar a antiga função na fábrica como sendo própria da “sua área” – que aprendeu na prática, por ofício, em detrimento da de hoje, que serve para “passar o tempo”, José Luís reforça sua identidade profissional de homem que sabe lidar com tecido. Entre as dificuldades, minúcias e a necessidade de atenção freqüente para executar seu trabalho - detalhadamente para nós relatado, José Luís faz eco às considerações feitas pelo grupo operário (ao qual se inclui), vendo com “tristeza” o fechamento da CFT. Contudo, como já exposto, este esforço por reivindicar (e dotar de valor) a *identidade de classe* do grupo social ao qual se diz pertencer, não constitui de fato, algo novo.

O que assistimos hoje, no entanto, é o retorno de um debate antigo que acirrou os marxistas europeus nas décadas de 50 e 60. Diante da ampliação do poder de consumo do operariado nos países industrializados europeus, alguns marxistas do velho mundo se indagaram se não estariam assistindo o seu derradeiro “fim”. Guardada às devidas proporções, de diferenças no tempo cronológico e de correntes de pensamento, verificamos em algumas reflexões recentes – sobretudo àquelas que se filiam ao jargão “pós-moderno”, interpretações igualmente “escatológicas” que prenunciam o fim de quaisquer sentimentos de pertencimento dos indivíduos a um grupo ou lugar. Para esses estudiosos, falar em *identidades de classe*

pode parecer anacrônico diante dos efeitos desestabilizadores da “globalização” e da “acumulação flexível” nas identidades dos “sujeitos pós-modernos”.

Concordamos que as transformações verificadas no mundo do trabalho nas últimas décadas, atingiram em diferentes maneiras e graus de intensidade a classe-que-vive-do-trabalho global. O desemprego, o assalariamento, a multiplicação das formas de trabalho parcial, temporário, precarizado, a desestruturação da organização sindical tradicional, a destruição de antigas comunidades operárias, a desindustrialização, emitiram sem dúvida, um efeito *pluralizante* nas relações de trabalho tradicionais e por consequência, complexificaram ainda mais a classe trabalhadora, sem que isto implique necessariamente, em sua completa extinção. Nos termos de Ricardo Antunes, “enquanto perdurar o modo de produção capitalista, não se pode concretizar a eliminação do trabalho como fonte criadora de valor” (ANTUNES, 2005, 58).

Ainda que hoje desempenhem diferentes funções daquelas que ocupavam anteriormente na Companhia, os trabalhadores entrevistados reforçam a sua identidade operária e é a partir dela que procuram se identificar. Esta *consciência de classe*, que unifica os ex-trabalhadores da fábrica em torno de sua auto-identificação como “operários” – embora salientemos que em uma fábrica de tecidos como a CFT, o espaço de fábrica é marcado por diferenciações e hierarquias rígidas entre os funcionários - os mobiliza pela busca por compensações (para si e para o grupo) dos anos de “bom trabalho” prestados a companhia. Mesmo quando não organizados em torno de sindicatos ou partidos, a consciência de classe aqui se evidencia, pelo posicionamento deste grupo frente aos interesses que julgam antagônicos aos seus: mudanças nas relações de trabalho na fábrica, o fechamento da companhia, a destruição da antiga comunidade operária, a falta de oportunidades de emprego no presente, etc.

Sem dúvida, a vida seria insuportável se não pudesse ser assim recriada. A desestruturação do antigo bairro operário e as dificuldades em conseguir um trabalho melhor, não combinam com uma vida inteira de “bons serviços” prestados a companhia. Depois de tantos anos de dedicação e da certeza destes de terem ajudado no desenvolvimento econômico da cidade, do estado, do país - e de não terem sido justamente recompensados por isso, que homens e mulheres que até hoje não desistiram – e não podem desistir do trabalho, reforçam continuamente em seus discursos, a sua identidade operária e a *cultura do trabalho* que lhe é inerente.

## BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- CANO, Wilson. *40 anos do golpe. Ditadura Militar e resistência no Brasil*. Anais do Seminário UFRJ, UFF, CPDOC, APERJ. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- FILHA, Dulce Corrêa Monteiro e Abidack Corrêa. *O Complexo Têxtil*. Revista Setorial do BNDS, nº 11, 2002.
- LOPES, José Sergio Leite. *A tecelagem dos conflitos de classe*. Editora Marco Zero e Editora UnB. SP, 1988.
- OLIVEIRA, Francisco. *Crítica à razão dualista – o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003
- SANTOS, Genival. *A recuperação da indústria têxtil mundial e o Brasil*. Rio de Janeiro, CETEX, 1948.
- SENNET, Richard. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro, Record, 1999.
- SOARES, Emmanuel Macedo de. *As Ruas contam os seus nomes*. Niterói, Niterói Livros, 1993.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. Volume I.
- \_\_\_\_\_. *Costumes em comum*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

## Fontes orais:

- ANDRADE, Mônica. Entrevista, 18/7/2008(arquivo pessoal da autora).
- BARRETO, Maria José. Entrevista, 20/12/ 2004. (arquivo pessoal da autora e arquivo do Laboratório de História Oral e Imagem - LABHOI da UFF).
- LECKAR, Neir Meirelles. Entrevista, 30/9/2008. (arquivo pessoal da autora).
- SANTOS, José Luís Corrêa dos. Entrevista, 7/01/2005. (arquivo pessoal da autora e arquivo do Laboratório de História Oral e Imagem - LABHOI da UFF).

## Fontes documentais

- CNI. Departamento Econômico. *Indústria têxtil no Brasil*. Rio de Janeiro, Mendes Júnior, 1950.
- COMISSÃO Executiva Têxtil. *Indústria têxtil Algodoeira*. Ministério do Trabalho Indústria e Comércio, 1946.
- COMISSÃO Econômica para a América Latina. *A indústria têxtil no Brasil: pesquisa sobre as condições de operação nos ramos de fiação e tecelagem*. Nova Iorque, Naciones Unidas, 1962.
- INSTITUTO Euvaldo Lodi. *Análise da eficiência econômica e da competitividade e da cadeia têxtil brasileira*. Brasília, IEL, 2000.